

No mesmo lugar onde a tinham interrompido no século passado os positivistas, os liberais, os conservadores, os anarquistas e os marxistas. Claro, desta vez com menos espaço, muito mais próximo do abismo, com um mundo infinitamente mais pequeno.

O velho filósofo não quer voltar a experimentar o que fracassou. Sabe que não vai conseguir tomar nem a Bastilha, nem o Palácio de Inverno. Mas conseguiu revitalizar, com toda a sua dignidade, o direito à rebelião, à sagrada violência dos oprimidos, tão denegrida nos últimos anos, vítima de uma esmagadora propaganda do *establishment*. Chegou o momento de desertar do rebanho sorridente e dialogar com os lobos de forma diferente.

E que papel tem nisto tudo o Terceiro Mundo? É um rebanho fraco e aflito que corre para poder comer os restos que o rebanho gordo deixa, o qual nunca poderá alcançar. Apesar das ilusões pintadas por vezes por lobos sanguinários uniformizados e noutras vezes por amáveis cães de libré. Até agora são os que chegam primeiro que comem os restos; os atrasados – que são cada vez mais – comem cada vez menos. Até que estes últimos dêem a volta e comecem a percorrer o seu próprio caminho.

O velho filósofo Günther Anders despediu-se do sonho de chegar ao socialismo anti-autoritário e ecológico através do caminho da razão. Aos 85 anos já não irá pôr bombas. Mas, pelo menos, deu um pontapé no conformismo.

Oswaldo Bayer  
Berlim, Agosto de 1987

# O FIM DO PACIFISMO

OSVALDO BAYER

EDIÇÕES *VERSUS CAPITALISMUS*

# O Fim do Pacifismo

**Título Original:** El Fin del Pacifismo

**Autor:** Osvaldo Bayer

**Edições *Versus Capitalismus***  
Edi.vs.capitalismus@gmail.com

Este texto foi retirado de [http://lahaine.org/global/herramienta/unica\\_violencia.htm](http://lahaine.org/global/herramienta/unica_violencia.htm) e foi traduzido do castelhano em Maio de 2012.

Numa larga análise intitulada *A verdade no erro de Günther Anders*, o professor Klaus Meyer-Abich assinala que “ainda que a advertência desesperada do filósofo, o seu apelo à violência, não seja nenhuma saída para a humanidade, ela agudiza a nossa consciência. O seu erro contém a verdade como a pedra contém a escultura em que o escultor a vai transformar.” “Será que Anders magnificou o perigo?” pergunta. “Nada disso. Ninguém pode estar seguro num mundo onde a vida está diariamente ameaçada pelas armas atómicas, as catástrofes dos reactores, os acidentes químicos e, mais do que tudo, pelo ‘funcionamento normal’ da economia permitida pelo Estado. (Apesar de na Alemanha Federal o bosques ficarem secos devido aos gases dos veículos, este ano bateram-se todos os recordes de produção de automóveis). A democracia parlamentar mostrou-se ineficaz na resolução do problema. A maioria dos seus representantes tem sempre por detrás de si um poderoso *lobby*. Com ela não é possível conseguir um ‘direito ao país, à terra’ que passe por cima do direito à propriedade privada.” (No ano passado morreram no Elba inferior duzentas toneladas de peixe – ou seja, várias centenas de milhares de peixes – devido à central nuclear desse lugar, que produz energia para a produção de artigos de consumo que são na sua maioria supérfluos. A lei defende a propriedade do meu automóvel, mas não a do peixe de todos. Nas democracias industriais, o voto popular elege o automóvel. Os parlamentos elegem o automóvel, o egoísmo.)

Devemos resignar-nos perante a impotência? Klaus Meyer-Abich vê como único caminho o “desendurecimento do sistema”, “o desendurecimento da sociedade industrial”. Com a violência só se consegue mais endurecimento do sistema. Só resta – para ele – o caminho da “acção extra-partidária”, a acção “extra-parlamentar”. Não deixar que todo o poder fique nas mãos de “representantes”, mas tentar obter mais democracia. Acreditar mais na voz do vizinho que na dos “notáveis”. A mudança tem de começar pelos bairros e não nos parlamentos. Ou seja, Meyer-Abich retorna ao Anders dos anos sessenta. A discussão termina aí, onde tinha começado.

vez em quando alguns gritem: ‘não gostamos nada disto!’ Pelo contrário, isso é bom e, para além disso, não incomoda nada os que estão por cima. Mas o primeiro empuçado que atire uma pedra, é qualificado de criminoso e vai para o calabouço. Quando se dê na Alemanha o primeiro Chernobyl – e basta isso –, serão centenas de milhares destes chamados ‘criminosos’ os que irão para a rua. O exército começaria a actuar. Mas ao menos esta discussão seria actualizada, saindo do meio intelectual e tornando-se mais popular. Claro, de qualquer forma, de acordo com as circunstâncias actuais, todo aquele que, guiado pela sua consciência, cometa actos de violência individual, não poderá mudar nada. Mas que no futuro não se ponha o seu nome numa rua, como exemplo, disso não estou tão seguro. Infelizmente, estou bastante velho para fazer apostas, mas poderia apostar uma grande quantia que no ano 2050 haverá um lugar dedicado a Ulrike Meinhof para nos lembrarmos das suas propostas.” (Ulrike Meinhof foi uma guerrilheira do grupo Baader-Meinhof que participou em actos terroristas contra a ajuda da Alemanha Federal aos Estados Unidos na guerra do Vietname e contra o capitalismo no geral.)

O físico Klaus Vack rejeita “o método violento de Anders para chegar ao objectivo da não-violência” e assinala que o único método que pode levar a esse fim é o “escalar não-violento da desobediência civil”, mas não diz como se pode difundir essa desobediência civil pelos povos sem contar com os meios de comunicação. Para chegar à desobediência civil, numa sociedade acostuada a não renunciar a nada, é necessário partir de uma grande catástrofe, como uma guerra perdida ou o perigo de vida ou morte.

Discípulos de Anders basearam a sua resposta ao mestre no lema: “Tanto a violência de baixo como a não-violência enquanto objectivo, necessitam da racionalidade.” Karl Jaspers tinha já dito na década de cinquenta, ainda com a experiência do nazismo a pesar sobre si: “Que fatalidade quando o ser humano de boa fé renúncia à violência porque acredita na não-violência! O único que consegue é ser superado de forma radical pela violência!”

## O fim do pacifismo

*Violência, sim ou não? (uma discussão necessária)* é o título de um pequeno compêndio do filósofo alemão Günther Anders, que levou a uma polémica filosófico-cultural inesperada entre uma intelectualidade da Europa central resignada, que recorda 68 como algo que não pode voltar a ser vivido, que não quer olhar para a violência desesperada do grupo Baader Meinhof dos anos 70, que se cansou de fazer todo o tipo de acções pacifistas contra o Estado Atómico e contra a sociedade anti-ecológica do consumo e do desperdício. E porquê esta polémica agora? Porque Günther Anders, pensador pacifista por excelência, moralista, escreveu aos 85 anos, com os seus dedos que mal consegue mexer devido à artrite: “A única saída é a violência.”

Nascido em 1902, foi soldado na Primeira Guerra Mundial aos 16 anos; aluno de Husserl e Heidegger, em 1928 é já um dos mais audazes denunciantes do hitlerismo como produto do capitalismo alemão, e em 1933 vai para o exílio com a sua mulher, a filósofa Hannah Arendt (autora d’ *A Banalidade do Mal, Poder e Violência, Eichman em Jerusalém*). Nos Estados Unidos trabalhará como operário fabril e nessa função irá experienciar o significado da dependência do homem em relação à técnica. Em 1950 regressa à Alemanha onde, seis anos depois, publicará a sua obra fundamental: *A obsolescência do homem*. Visita Auschwitz e afirma: “Se me perguntarem em que dia me envergonhei absolutamente, responderei: nesta tarde de verão quando em Auschwitz estive perante os montes de óculos, de sapatos, de dentaduras postiças, de molhos de cabelos humanos, de malas sem dono. Porque os meus óculos, os meus dentes, os meus sapatos, a minha mala também deveriam estar ali. Sim, senti-me – já que não tinha estado preso em Auschwitz porque me tinha salvo por acaso – um desertor.”

No idioma alemão existe uma palavra comum para poder e violência: *Gewalt*. E Günther Anders estuda sem parar como a técnica vai ganhando cada vez mais poder (violência) sobre o ser humano. Depois de Auschwitz, Anders visita Hiroshima,

que é para ele o passo esperado da equação poder-violência. Escreve ao piloto do avião que largou a bomba atômica, Claude Eatherly, internado num hospital de veteranos, um pária, mas também uma vítima. A correspondência entre o filósofo alemão, o pacifista, e o aviador norte-americano foi publicada. Um documento do medo, da irracionalidade, do desespero. Por causa desse pequeno tomo, Günther Anders é qualificado como *persona non grata* nos Estados Unidos. Recebe a qualificação de “comunista”.

O poder-violência de Auschwitz não fica por ali para o filósofo Anders. A terceira etapa está dada pelo sistema da sociedade de consumo que não só envenena o meio ambiente, os rios, o mar, os bosques, como também divide o mundo em países opulentos e países na miséria. Uma sociedade de consumo que aplica a energia atômica em mais automóveis, mais armas, mais cimento, mais turismo, mais stupidificação através de produtos supérfluos, e ao mesmo tempo em mais poder, mais violência, mais fome, mais sub-desenvolvimento, mais dependência dos países não industrializados. E o mundo do “socialismo real”, perante o medo de ficar definitivamente atrasado tecnologicamente – para além da sua idolatria pela técnica –, entregou também a sua alma ao diabo do Estado atômico. Para Anders, os estádios até ao fim da humanidade, começados com Auschwitz (a destruição sistemática e anônima do ser humano), com Hiroshima (quando o ser humano se apercebeu de que só bastava apertar um botão), completam-se com Chernobyl (nome representativo para Harrisburg e para todas as outras catástrofes ecológicas da última década), onde o homem perde o domínio sobre o poder-violência e se auto-aniquila num holocausto de irracionalidade, de estupidez obstinada e de ganância.

Manfred Bissinger, biógrafo e intérprete de Günther Anders, assinala: “Os temas de Anders giram constantemente à volta do problema de como a técnica ganha cada vez mais poder-violência sobre o ser humano. Isso é-nos explicado por ele nas suas três teses fundamentais que são: o homem não está à altura da perfeição dos seus produtos, produz mais do que pode imaginar e responsabilizar-se, e acredita que tudo o

Em *O Fim do Pacifismo*, Günther Anders responde ao argumento de Petra Kelly sobre a não-violência de Gandhi. “Foi a não-violência de Gandhi apenas um ‘happening’? Receio bem que sim – responde –, desde o ponto de vista da história do mundo. Ou será que podemos considerar de outra forma a fotografia de Gandhi desnudado, tecendo à mão, difundida milhões de vezes, senão como um ‘happening’ comparável ao dos pobres tecelões da Silésia que destruíram os teares? Gandhi não conseguiu deter a industrialização, nem sequer pôr em causa a miséria das castas na Índia. Não, o que ele sustentava era que ‘talvez se possa, de alguma forma, resistir, apesar de que não obteremos o poder e, assim, o poderio necessário para agir’. Ou seja, para ele o importante não era a não-violência como tal (como único princípio permitido, ou como único método moral, ou meta moral), mas a débil eventualidade de, apesar de não ter armas, poder igualmente resistir. Assim, o fundamental nele não é a aceitação do ‘sem’ (sem armas) mas do ‘apesar’ (apesar de não ter armas).”

O historiador e ensaísta Erich Kuby foi um dos poucos que apoiou Günther Anders e até vai mais longe que ele: “Quando era criança, a guerra ainda era vista como a única acção de assassinio em massa legítima e aprovada pela lei. Hoje, não é necessária uma guerra para que se dê uma acção de assassinio em massa a uma escala muito maior. Mas os donos do poder não fazem nada contra o perigo total, pelo contrário, fazem tudo o que é possível para aumentá-lo ainda mais. Continuam a construir novas centrais nucleares e não desviam os milhares de milhões de dólares, que se gastam para subvencionar a indústria atômica, no sentido de desenvolver soluções alternativas. Para além disso, continuam a ser solidários com uma potência mundial incontável que se continua a preparar para uma guerra atômica. Os potenciais assassinos não estão entre nós, encontram-se, sim, sobre nós, pela simples razão de que milhões de carneiros continuam a votar neles, divididos em social-cristãos, liberais e social-democratas. Como empregam princípios democráticos como material de propaganda para o jogo, não têm em conta que de

O físico atômico Professor Robert Jung - um dos combatentes mais decididos contra o "Estado atômico" - dá razão a Anders e interpreta e sua mudança de posição em relação à violência como uma necessidade de uma energia crescente no movimento pacifista e anti-atômico. Propõe, como primeiro passo, a exigência de um "desarmamento interno" da Alemanha Federal. Ou seja, que as forças da repressão e da "ordem" se vão desarmando pouco a pouco, ao mesmo tempo que, passo a passo, se eliminam todas as técnicas industriais que ameaçam a vida e a liberdade. "O movimento ecologista e da paz - escreve - não tem armas actualmente. Mas se a 'outra parte' não atende às suas reclamações e, pelo contrário, parece projectar uma actuação com uma maior força repressiva no futuro, será ela a culpada de um aumento da violência, que poderá chegar mesmo à guerra civil."

Contra a "pequena esperança" de Jürgen Dahl, os argumentos de Günther Anders têm esta ironia histórica: "Em 1986, 'Ano da Paz' das Nações Unidas, foram gastos 900 mil milhões de dólares em armamento. Isso significa que por minuto são gastos 1,7 milhões em armas e equipamentos militares e repressivos. 100 milhões de pessoas trabalham em fábricas de armas por todo o mundo."

A deputada do Partido Verde, Petra Kelly - umas das suas cabeças pensantes - aceitou todos os conceitos do filósofo Anders, mas não esteve de acordo com o seu apelo a acções violentas. Ela defendeu a não-violência e a desobediência civil como únicos métodos reais e possíveis. "A não-violência não é cobardia - sustentou - e repito as palavras de Mahatma Gandhi: 'A não-violência é tudo o contrário da cobardia. Consigo imaginar um homem armado até aos dentes que no fundo é um covarde. Ao possuir armas esconde o elemento do medo, mesmo o da cobardia. Pelo contrário, é impossível ser não-violento quando não se é intrépido'. Faz-nos falta muita fantasia social - adicionou Petra Kelly -, fazem-nos falta métodos de acção não-violenta que ainda não experimentámos e ainda nos faltam uma série de seres humanos que ainda temos de convencer."

que é capaz de produzir, não só pode fazê-lo, como deve fazê-lo."

Nos anos sessenta e setenta, Günther Anders, conjuntamente com Heinrich Böll, com o bispo Scharf, com o teólogo Gollwitzer, com o filósofo Ernst Bloch, entre outros, encabeçaram o grande movimento pacifista alemão contra o estacionamento de mísseis atômicos norte-americanos em território germânico. Estiveram também nas grandes acções pacíficas contra as centrais nucleares. Vinte anos de trabalho não apenas teórico, mas também acompanhando essa teoria com acções pacíficas. Em 1983, Günther Anders recebeu o prémio Theodor Adorno, o mais alto galardão da filosofia alemã. Foi em Frankfurt, na igreja de São Paulo, símbolo da revolução de 1848. O eleito para a entrega do prémio foi o burgomestre da cidade, um democrata cristão, Walter Wallmann, que era precisamente inimigo de morte das ideias do filósofo. O político disse: "Honramos aqui o filósofo Günther Anders porque ele nos contradiz, nos adverte constantemente, nos sacode." Anders respondeu: "Sou apenas um conservador ontológico, em princípio, que tenta fazer com que o mundo se conserve para o poder modificar."

Hoje, aos 85 anos, escreve um novo livro, sobre o mesmo tema de sempre: o monopólio do poder (violência), a não-violência (não-poder) e as formas de combater a violência (poder). O seu livro tem um título exacto, tal qual o seu estilo despojado de todo o tipo de rituais e adornos: *Estado de sítio ou legítima defesa*. Todo o grande debate se encontra nesse título: poder do Estado contra o direito natural do indivíduo de se defender. Violência do Estado contra a violência individual. "Estado de emergência em defesa das instituições" e contra isso: "direito do indivíduo de se revoltar." Democracia da maioria e democracia de base.

Perante uma pergunta, Anders diz apenas ser "um filósofo da barbárie". A barbárie do mundo actual: Auschwitz, Hiroshima, Chernobyl. A sua frase dos anos cinquenta, "Hiroshima está em todo o lado", converteu-se em "Chernobyl está em todo lado". Como impedir a morte do planeta? Para ele - que experimentou todas as armas da resistência não

violenta – resta apenas uma arma: a violência. Anders renega o seu mestre Ernst Bloch e o seu *Príncipezinho Esperança*. Não há mais tempo para a esperança. A esperança é um pretexto para a não acção, é uma forma de cobardia.

É incompreensível – para ele – a incompreensão dos políticos. “A própria incompreensão dos homens inteligentes e esclarecidos. O mundo não está ameaçado por seres que querem matar, mas por aqueles que, apesar de conhecerem os riscos, só pensam técnica, económica e comercialmente. Perante isso, todas as legislações do mundo – mesmo o direito canónico – não só permitem o emprego da violência, enquanto forma de auto-defesa, como até o recomendam. Vimos que nem com a entrega de rosas e de miosótis aos polícias – que não as podiam receber porque tinham o bastão na mão –, nem com petições, nem com marchas intermináveis, nem com canções, nem com teatros, alcançámos algo. Não é apenas anódino como também é estúpido fazer, por exemplo, greves de fome para alcançar a paz atómica. Com as greves de fome consegue-se apenas isso: ter fome. Não interessa a Reagan e ao seu “lobby” atómico se nós comemos ou não uma sandes de presunto. Não são acções sérias, são apenas “*happenings*”. Não são acções, são aparências. Uma coisa é aparentar, outra coisa é ser. Nós, que actuávamos dessa forma, acreditávamos ter ultrapassado a fronteira da mera teoria, mas éramos apenas actores, no sentido teatral. Fazíamos teatro por medo de actuar verdadeiramente. Teatro e não-violência são parentes muito próximos.”

Palavras muito duras. Desespero ou honestidade para consigo mesmo? O filósofo alemão sabia do risco de fazer estas declarações. Não só legalmente – por incitação à violência – como também social e intelectualmente, devido à auto-defesa da ordem constituída. Mas Anders aprofunda o tema no seu estilo directo, de diálogo socrático: “A violência não só está permitida como também está legitimada moralmente quando é usada pelo poder reconhecido. O poder baseia-se permanentemente na possibilidade do exercício da violência. Ficou suposto que cada alemão marcharia para a guerra para co-participar na violência, para ser co-violento.

bosques secos e cheios de lixo, acreditando sempre que o remédio de todos os males é a economia do livre mercado; os sociais-democratas acreditam que a grande solução está na reciclagem dos resíduos; a prédica dos verdes tem lugar no deserto se se tiver em conta que a selva dos meios de comunicação fá-los aparecer como membros de uma seita fora de toda a realidade.)

“A tentativa de salvar o mundo através da reciclagem de resíduos – continua Dahl – tem, no melhor dos casos, um valor didáctico, mas é precisamente o alibi que aqueles que produzem lixo necessitam para continuar a fazê-lo. Os argumentos mais racionais não são ouvidos; as proposições mais convincentes são arquivadas, os pedidos mais veementes são rejeitados e então, quando a raiva do desespero finalmente transborda, aparece a polícia e, somente com a sua presença, dá a conhecer que as formas de vida que o ‘poder eleito pelo povo’ ordenou como aparentemente correctas só podem ser defendidas e impostas, não com argumentos, mas com a ajuda de bastões, canhões de água e gás lacrimogénio.” (É o mesmo Poder que condena a dois meses de prisão um jovem que atirou uma pedra numa manifestação contra Reagan, mas não condena os executivos de uma empresa química que, com os seus ácidos residuais lançados ao Reno, originaram um desastre ecológico com milhões de peixes mortos e outros danos incalculáveis para a natureza e para a população.)

Jürgen Dahl confessa, por último, que ele não pode dar receitas, mas que a violência que Anders aconselha só levaria a um fortalecimento da violência do Estado. A única resistência do indivíduo é continuar a denunciar o estado de coisas, tentando esclarecer e formar uma opinião pública; é o que ele chama de “sua pequena esperança”. “Mas – finaliza – devo reconhecer que, mesmo eu, perdi essa pequena esperança. Talvez alguém a tenha encontrado; que a conserve e a partilhe com novas pessoas. E como não sabemos de certeza o que vai acontecer, apesar de já não termos nenhuma esperança, devemos continuar a fazer algo. Por respeito a nós próprios.”

publicamente incita à violência deve estar preparado para, ele próprio, marchar em direcção ao fogo. Esse Günther Anders – que tomo bastante a sério – não vai poder fazê-lo. Mas ficará com o peso da responsabilidade de cada vez que um terrorista justificar a sua acção através da sua filosofia.”

O escritor Hark Bohm escreveu desta forma a Anders: “O êxito do seu apelo à violência poderia reduzir-se a esta equação: depois de Kennedy veio Johnson, depois de Johnson veio Nixon.”

O politólogo Jürgen Dahl partilha o pessimismo de Anders, mas não o seu apelo desesperado à violência. Podemos – pergunta – esperar algo num sentido terreno e sensato? Que podemos esperar perante uma ameaça atómica produzida por reactores e mísseis, uma inevitável catástrofe climática, uma morte das espécies de todo o planeta, uma onda global de envenenamento que cada vez mais proclama que tudo será cada vez melhor se se permitir que seja cada vez mais onnipotente? Uma fúria sagrada acomete-nos quando vemos quão pouco podemos esperar, porque a indústria, a política, o comércio e o egoísmo, se intrincam cada vez mais profundamente em dependências e na pressão das circunstâncias, que por sua vez vão produzindo cada vez mais estragos. A grande empresa Mundo, tal qual está organizada actualmente, aguenta e tolera pequenas mudanças nos seus membros, mas nenhuma grande modificação na sua cabeça. Sim, é claro que as equipas de reparação trabalham constantemente, mas reforçam apenas os mecanismos de protecção e não dizem que cada mecanismo de protecção anuncia apenas aquilo que ocorre posteriormente. Que será válido então: fazer um diagrama de uma nova forma de organização para a grande empresa Mundo e levá-lo a cabo? Mas tudo o que a nossa actividade pode conseguir nessa direcção – medida em tudo – tem apenas um efeito ridículo, tão espectacular como possa parecer aos participantes directos. Ter confiança no actual adicionar de pequenas melhorias é mentir a si mesmo, enquanto a destruição diária prossegue.” (Os democratas cristãos e liberais continuam a passar optimistas, com os seus Mercedes e BMW, por entre

Quem participou nessa violência não fez outra coisa senão “cumprir com o seu dever”. Com a ordem do poder, não só é permitido ser-se violento, como muito mais do que isso: tem que se ser violento. Nós, que actualmente apenas temos como objectivo impedir toda a violência, somos censurados por perseguir o caos com a nossa desobediência civil, sim, nós que queremos chegar a estados ideais de não-violência, àquilo que Kant chamou de ‘paz perpétua’. Uma coisa deve ser clara para nós: a violência de nenhuma forma terá de ser o nosso objectivo. Mas que a violência – quando apenas com a sua ajuda se pode impor a não-violência – chegue a ser o nosso método, isso ninguém nos pode negar.”

E depois juntará as palavras inesperadas, que tantas discussões têm gerado. Anders disse: “De qualquer forma, considero inevitável que nós assustemos todos aqueles que detêm o poder e nos ameaçam (uns milhões de vezes). Esperemos que a ameaça por si só os possa assustar.”

Günther Anders já não confia nos meios pacíficos, já não acredita na democracia dos partidos. “Depois da grande vitória dos meios de comunicação de massas, deixou de existir democracia. O substancial da democracia é poder ter uma opinião própria e, ao mesmo tempo, poder expressá-la. Por exemplo, vivi catorze anos nos Estados Unidos e nunca pude expressar a minha opinião. Desde que existem meios de comunicação de massas, e desde que a população mundial se encontra como que exorcizada diante do televisor, ela é alimentada, às colheres, com opiniões. A expressão ‘ter uma opinião própria’ já não tem sentido de realidade. Os alimentados deixaram de possuir, forçadamente, qualquer hipótese de ter uma opinião própria. Não, já nem sequer consomem opiniões alheias. São engordados com o sistema. E os gansos engordados a sistema não ‘consomem’. A televisão engorda com sistema. Se a democracia é aquilo que permite expressar uma opinião própria, então a democracia converteu-se em algo impossível através dos meios de comunicação de massas, porque quando não se tem algo próprio, também não se consegue expressá-lo.”

“O ser humano - continua Anders - já não pode chegar à maioridade. Pelo contrário, é um ser-servo porque só ouve o que é transmitido pela rádio e pela televisão, sendo que esta relação permanece unilateral porque não pode haver resposta. Essa servidão é característica da falta de liberdade que se construiu através da sua própria técnica e que se reverte sobre ele. Com os meios de comunicação de massas criou-se a figura do ‘eremita massivo’. Porque mesmo que se encontre sozinho diante da sua rádio ou do seu televisor, recebe o mesmo ‘pensar’<sup>1</sup> dos outros. Não compreende que o que consome na sua solidão é o alimento de milhões.”

Por último, renegando o seu admirado mestre Ernst Bloch, Anders diz: “A esperança é um sinónimo de cobardia. Que é em si a esperança? É a fé em que tudo pode melhorar? Ou é a vontade de chegar a algo melhor? Ainda ninguém fez uma análise da esperança. Nem Bloch, sequer. Não, tem que se impedir a esperança. Todo aquele que espera, remete a sua obrigação para outra instância. A esperança não é mais do que a renúncia da própria acção.”

Numa reportagem posterior, publicada no jornal dos anti-autoritários alternativos e verdes alemães, Günther Anders responderá ainda com mais clareza à pergunta: “Os protestos não-violentos são suficientes?” Dirá: “Não existe um método alternativo, não existe outro senão a ameaça - se queremos que a nossa geração sobreviva e se queremos assegurar a existência das gerações posteriores - contra todos aqueles que insistem em continuar a pôr em perigo a vida humana através da produção atómica (seja através da guerra ou do denominado ‘uso pacífico’) e continuam a rejeitar todas ofertas para terminá-la; não existe alternativa, dizia, senão comunicar a esses homens com todo a claridade que tanto uns como outros devem ser considerados peças de caça. Não há que vacilar perante a eliminação desses seres que, por

---

<sup>1</sup> *Pienso* no original. O autor faz um jogo de palavras dando um duplo sentido à palavra *pienso* que poderá significar a primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo pensar ou razão para animais. Na impossibilidade de se traduzir este jogo de palavras para o português, optou-se por se traduzir por *pensar* para dar um melhor sentido àquilo que autor pretende focar. (N.T.)

escassa fantasia ou por estupidez emocional, não conseguem parar perante a mutilação da vida e a morte da humanidade.”

Teria o lúcido filósofo consciência que, chegando a esse extremo, se poderia iniciar uma revisão dos métodos? Que o movimento anti-atómico, anti-armamentista, anti-consumista e ecologista, começaria a procurar outros métodos, deixando de tocar guitarra, de distribuir flores e de assinar petições?

E não se equivocava: começou a polémica. Comeram as respostas. Algumas indignadas, outras compreensivas. Marcadas pela raiva da impotência, surpreendidas pelo desafio do velho sábio, ou indignadas devido à sua provocação. Mas incapazes de mostrar alternativas que já não tenham sido experimentadas.

(A social-democracia alemã tinha acabado drasticamente com os sonhos dos anos sessenta: quando esteve no governo fabricaram-se mais armas do que nunca, sendo perfeita a sua integração num industrialismo consumista. De Brandt a Schmidt, e este com as suas alternativas de ferro: energia atómica para manter a competitividade, ou desastre económico devido à perda de mercados; venda de armas ou encerramento [venda de submarinos à ditadura dos generais argentinos ou encerramento dos estaleiros de Emden]. Sempre o “mal menor”, é claro [num trajecto irreversível em direcção a um mal maior]. A eleição: energia atómica e a venda de armas. Que fez o socialismo francês quando governou? Tantas ou mais explosões atómicas no atol de Moruroa [bem longe de Paris] e mais produção de armas do que nunca. O socialismo espanhol de Felipe González e a sua modernidade: prepara tudo para conseguir a ligação definitiva ao mercado comum europeu, à sociedade de consumo; as leis sociais não devem impedir a capacidade de competir: Espanha já disputa os mercados de armamento. Enquanto oposição foram a esperança, as grandes palavras. Como governo, os melhores alunos dos conservadores e dos liberais.)

A reacção do teólogo e social-democrata Heinrich Albertz (antigo burgomestre de Berlim, que renunciou ao cargo quando a polícia matou o estudante Benno Ohnesorge) contra Günther Anders foi de uma ira incontida: “Quem